
SIEGFRIED

(junge Siegfried-1851/ Der junge Siegfried-1856)



Siegfried - tenor

Mime - tenor

O Andarilho (Wotan, sob disfarce) - baixo-barítono

Alberich - baixo-barítono

Fafner - baixo

Erda - contralto

Brünnhilde - soprano

Waldvogel (Pássaro) - soprano (originalmente indicado como “voz de menino”)

Orquestração: 2 píncolos (1 deles dobrando a 3ª flauta), 4 flautas (1 delas dobrando o 1º píncolo), 4 oboés (1 deles dobrando o corne inglês), corne inglês, 4 clarinetas (1 delas dobrando a clarineta), clarineta, 3 fagotes, 8 trompas, 2 tubas tenor (tenortuben), 2 baixos de tuba (basstuben) (i.é. “tubas wagnerianas”, tocadas por 4 trompistas), 3 trompetes, trompete baixo, 4 trombones, 1 trombone contrabaixo, contrabaixo de tuba, tímpano, percussão, triângulo, gongo, 6 harpas, 16 1ºs violinos, 16 2ºs violinos, 12 violas, 12 violoncelos, 8 contrabaixos, glockenspiel (e nos bastidores: 18 bigornas de vários tamanhos, 1 martelo e 1 harpa).

Sinopse

Prelúdio e 1º Ato

O primeiro ato tem como cenário uma caverna rochosa na floresta, que serve de morada a Mime, irmão de Alberich, que fugiu de Nibelheim, a pátria dos Nibelungos, onde era extremamente explorado e martirizado pelo implacável irmão, Alberich, o dono do poder. O Prelúdio inicia-se com um suave ruflar nos tímpanos, ao qual se junta um repetido motivo de duas notas, emitido por um par de fagotes, simbolizando a escura e densa floresta e o ardiloso anão nibelungo, Mime, que ela abriga. Outros motivos, associados aos nibelungos e ao anel, são ouvidos juntamente com uma inesperada entrada do motivo da Espada, antes que se abra o palco, mostrando Mime martelando intensamente numa bigorna. Ele amaldiçoa o seu penoso trabalho e suas vãs tentativas para forjar uma espada para o jovem Siegfried, que este não consiga partir ao meio. Se tivesse ao menos habilidade para soldar os fragmentos da Nothung, a espada de Siegmund, pai de Siegfried, entregue por Sieglinde a ele, quando deu à luz a Siegfried, esta por certo suportaria todo e qualquer golpe. E Mime continua contando como o gigante Fafner se transformou num feroz dragão para melhor guardar o tesouro do nibelungo. As intenções malévolas de Mime, seu espírito mesquinho, invejoso, sua ideia obstinada de se apoderar de qualquer modo do tesouro, tudo isso é sublinhado pela orquestra com acentos lúgubres, ouvindo-se de quando em vez os temas musicais que simbolizam a espada de Siegmund, a maldição de Alberich e o ouro do Reno. Ah, se ele Mime pudesse forjar Nothung, Siegfried conseguiria matar o dragão, e o anel voltaria para Mime!

Mime está entregue às suas lamentações, quando entra um jovem, de porte altivo, simpático, mas de modos violentos e rudes. É Siegfried que, vindo da floresta, puxa um enorme urso por uma corda. Ele o atíça sobre Mime e dá gargalhadas, enquanto o urso persegue o anão pela caverna. Exige ver o que Mime forjara e, zombando mais uma vez da tentativa, despedaça a espada contra a bigorna. O jovem fica enfurecido com Mime, acusando-o de estúpido. Afinal, ele é incapaz de forjar uma só arma que valha esse nome. Mime, submisso, procura abrandar a ira de Siegfried trazendo-lhe alimentos. Siegfried arrebatada das mãos do anão o prato de comida e dirige-lhe expressões de desprezo. Mime volta a lamentar-se. De nada valeram seu sacrifício e seu desvelo, cuidando-o desde criança. Agora, só ingratidão! Siegfried quer saber a verdade sobre sua origem. Mime, contrafeito, tenta persuadir o rapaz de que ele é, ao mesmo tempo, seu pai e sua mãe. O jovem não acredita na invectiva, pois comparou-se com os filhotes de animais e pássaros e respectivos pais, e, sobretudo, porque viu o reflexo de sua própria figura na água do rio e concluiu que nenhuma semelhança tinha com o repulsivo anão. Mime, a duras penas e compelido, diz-lhe, finalmente, que, certa feita, com pena de uma mulher grávida que se lamuriava na floresta, a trouxera para a caverna. Ela morrera ao dar à luz a Siegfried, e ele, Mime, o criara conforme o seu último desejo. Ao perguntar qual o nome de sua mãe, Siegfried fica sabendo que ela se chamava Sieglinde, mas Mime não lhe adianta o nome do pai. Siegfried exige provas dessa história e Mime traz os fragmentos da Nothung, deixados em sua custódia. Excitado, Siegfried ordena a Mime que refaça a Nothung, fundindo os seus fragmentos e, feliz, com a perspectiva da liberdade que

a espada lhe trará, corre para a floresta. Mime senta-se, desanimado, próximo da bigorna, desesperançado de conseguir forjar os fragmentos da espada invencível.

É quando à entrada da caverna surge um estranho vulto, pesadamente envolto em um casaco negro. É o andarilho, na verdade, Wotan disfarçado, usando um grande chapéu, cuja aba cobre o seu olho perdido, e com uma lança na mão. Wotan sabe que o anão é muito cioso de sua argúcia e de seus conhecimentos, por isso, pede uma ligeira pousada, que lhe é deferida não a contento, e propõe ao anfitrião um jogo de inteligência. Ele aposta a sua própria cabeça de que pode responder a qualquer pergunta feita por Mime. Cada qual terá o direito de fazer ao adversário três perguntas. Aquele que perder terá a cabeça decepada. Cabe ao anão, sentindo-se humilhado, fazer as perguntas em primeiro lugar. Mime pergunta qual o nome da raça que habita as profundezas da terra, e recebe por resposta os nibelungos, dominados por Alberich. Em seguida pergunta: quem vive na superfície. Os gigantes, é a resposta. A terceira pergunta é sobre os habitantes das nuvens, nas alturas, ao que o andarilho responde que lá vivem os deuses, governados por Wotan. Então, ele toca o chão com a lança e ouve-se o ribombar de um trovão. À sua vez, o andarilho pergunta, inicialmente, o nome da tribo que, mesmo sendo muito maltratada por Wotan, é a preferida do deus. Seguro de si, Mime responde: os Wälsungen. A segunda pergunta refere-se ao nome da espada que será empunhada por Siegfried, o herói. Mime replica: Nothung. Porém, quando o andarilho pergunta quem irá forjar a espada, Mime entra em pânico, pois não tem a menor ideia. O andarilho o repreende duramente por não saber responder à pergunta e por não tê-lo arguido sobre a matéria, e diz-lhe que a resposta certa é “aquele que nunca conheceu o medo”. Deixando a cabeça de Mime penhorada ao intemorato, o andarilho se vai, não antes de gargalhar zombeteiramente ante o terror do anão.

Mime, em estado de grande agitação, apavora-se com o fogo, vendo, percebendo que sua cabeça é refém do destemido nele a imagem do dragão. Siegfried retorna, e Mime Siegfried, decide ensinar-lhe a ter medo. Fala-lhe do terrível dragão que vive nas imediações e cujo hálito é venenoso. Siegfried se exalta. Reclama os fragmentos da espada; diz que ele mesmo forjará a arma e com ela matará o dragão. Com veemente disposição, começa, ele próprio, a forjá-la, principiando por limá-la em lascas. Mime olha estupefato. Ao lhe ser dito o nome da espada, ele canta a Canção da Forjadura, invocando Nothung. Enquanto isso, Mime planeja oferecer a Siegfried uma beberagem soporífera, logo após seu duelo com o dragão, para matá-lo, em seguida, com sua própria espada. Finalmente, termina a forjadura e Siegfried, elevando no ar a espada e com inaudita violência, desfecha-a contra a bigorna de Mime, partindo-a ao meio.

Mime

Praga forçada! Trabalho inútil!

A melhor espada, que jamais forjei, para punho forte, quando a termino: eis que, o destinatário, esse ignominioso rapaz, em dois pedaços a parte e foge para a floresta, como se eu tivesse inventado um adereço infantil!

Existe uma espada que ele não pode empreender, mas ele exige de mim forjar os destroços da Nothung, e eu não posso reunir e soldar os vigorosos pedaços, pois minha

arte não me dá condições de argamassá-los!

Se eu não posso mesmo forjar uma espada desses pedaços, que prêmio poderei obter com essa minha vergonha!

Fafner, o verme selvagem, descança na floresta sombria; entesoura com o peso do seu medonho corpo, guarda e vigia lá, o ouro e as joias pertencentes ao Nibelungo.

A força pueril de Siegfried conseguirá vencer o corpo de Fafner: com o anel do Nibelungo eu me tornarei conquistador.

Somente uma espada servirá para essa façanha.

Só Nothung servirá à minha inveja, quando Siegfried a arrojara nele: mas eu não consigo soldar a Nothung, a estranha espada!

Praga forçada! Trabalho inútil!

A melhor espada que jamais soldei nunca jamais serviu para uma única ação: eu somente a toco e a martelo porque o rapaz exige; ele a quebra e a arremessa em pedaços e pragueja, insultando-me porque não consigo forjá-la!

Siegfried

Rôirô! Rôirô! Rau ain! Rau ain!

Bata-o! Bata nele!

Coma-o! Coma-o!

O forjador hipócrita!

Rá, rá, rá, rá!

Mime

Fora com a fera!

Para que me serve um urso?

Siegfried

Em dois eu venho até ti, para melhor te importunar:

Marrom, pergunta a ele pela espada!

Mime

Ei, deixa de selvageria!

Ali está deitada a arma: preparada e hoje polida.

Siegfried

Assim, hoje viajas ainda intacto: corre marrom, não preciso mais de ti!

Mime

Enquanto eu prazerosamente padeço,

tu brincas com ursos;

por que trazes os marrons vivos para casa?

Siegfried

Melhores companhias que a tua procurava quando, no caminho, um deles estava, na floresta. Minha corneta eu entoei, com alegria e jovialidade. Um bom amigo, isso eu perguntava ao entoar.

Dos arbustos surgia o urso; ele me escutava grunhindo.
Ele me agradava mais do que tu!
Melhor eu o achava,
com uma corda de ráfia o dominei,
para vir aqui te perguntar pela espada, maroto!

Mime

Trabalhei a arma afiando-a; pelos muitos cortes vais te alegrar.

Siegfried

Para que serve o corte definido, se o aço não estiver duro e forte?
Ei! O que que é isto, ó fútil preguiçoso?
A ponta rombuda, chamas isto de espada?
Aí tens os pedaços, vergonhoso remendão!
Deveria tê-la partido em tua cabeça!
Deve o fanfarrão me lograr ainda por mais tempo?
Fala-me dos gigantes e das lutas gloriosas, dos ousados feitos e das armas eficientes.
Quero forjar armas para mim, trabalhar espadas, enaltecer a tua arte, como se sou-
besses direito utilizá-la.
Tenho em mãos agora o que ele martelou, com um golpe disfarcei a obra!
Não deverias a mim apresentar coisa pura, ó sujeito mesquinho! Eu mesmo a destruí
na tua forja, a forja do velho e bobo Alp!
Não conseguirei pôr um fim a esses aborrecimentos?

Mime

Agora queres brincar de novo como um tolo: tua ingratidão, com efeito, é da pior es-
pécie!
O que eu faço de bem ao garoto mau ele parece esquecer muito rápido, poderia refle-
tir sobre o que ensinei a respeito de agradecimento!
Isto ele não escuta!
Ora, comer não é o de que mais gosta?
No espeto, trago-lhe um bom assado: gostarias de experimentá-lo?
Para ti ele foi preparado.

Siegfried

O assado eu mesmo faço: a tua coisa mal feita deves comer sozinho!

Mime

É assim que tratas o teu amado!
Que recompensa pelas minhas atenções!
Como criança nativa eu te acolhi, eu aquecia com roupas o pequeno verme, comida e
bebida eu lhe trazia.
Cuidei de ti como à minha própria pele.
E como crescias, eu te esperava.
Teu leito providenciava para que tranquilo dormisses.
Por ti até forjei bobagens:

uma corneta sonora para alegrá-lo.

Esforcei-me por estar sempre alegre, bons conselhos te dei, com sabedoria e inteligência luminosa, ensinava-te graças, sentávamos juntos em casa, mesmo com todo o sacrifício, deixava ficares à vontade em casa.

Tu vagavas por aí, como se
para ti eu fosse uma calamidade,
um tormento, eu velho, me consumindo.

Pobre velho anão!

Com toda a carga que teve é esta a recompensa.

E a quem o impetuoso rapaz maltrata e odeia!

Siegfried

Muito me ensinaste, Mime, e alguma coisa aprendi de ti. Ora, o que tu mais gostavas de me ensinar, aprender nunca me convinha: como eu pude suportar isso de ti!

Trazias-me comida e bebida aqui, o nojo me fazia lançar fora às escondidas.

Vê se me consegues um bom lugar para deitar, que o sono já está me pesando muito; queres me demonstrar, como se tornar engraçado, mas com prazer fico surdo e mudo. Primeiramente, vejo-o com os olhos fechados, com enjoo reconheço tudo que me fizeste: vejo-o de pé, balançando-se e andando, vergando e se inclinando com o olho a piscar: no pescoço eu desejava apertar o envergado, e o antipático e inoportuno piscador aniquilar!

Assim eu aprendi, Mime, te tolerar.

Como és muito esperto, ajuda-me então a conhecer sobre o que inutilmente eu refletia: para a floresta eu corria, para fugir de ti, mas depois dela voltava sem fazer caso?

Todos os animais são mais caros para mim do que tu:

árvores e pássaros, os peixes no riacho,

eu os amo muito mais do que infelizmente a ti.

Como pode isto acontecer, e eu sempre retorno?

Tu és muito esperto, então esclarece-me isto.

Mime

Minha criança, isto só pode demonstrar-te, como eu sou caro ao teu coração.

Siegfried

Mas eu não posso com certeza te suportar, não esqueças isto tão facilmente!

Mime

É causa disto a selvageria,

que tu, de compleição má, deverias reprimir.

O jovem suspira e anseia por estar próximo de seus pais.

Amor é a causa desse desejo:

assim afinal tu também o sentes por mim,

assim tu também amas o teu Mime,

assim deves tu amá-lo!

O que é para o passarinho o pássaro, quando ele o alimenta no ninho, antes de poder

bater as asas para voar: isto é o mesmo para ti, meu menino, vale dizer, o conhecedor e atencioso Mime, semelhante deve ele ser!

Siegfried

Ei, Mime, tu és tão engraçado,
então deixa-me saber alguma coisa mais!
Os pássaros cantavam muito felizes na primavera, de tal modo que um atraía o outro da mesma espécie: tu mesmo dizias o que eu queria saber, que eram macho e fêmea. Eles se beijavam tão carinhosamente e jamais se deixavam, eles faziam um ninho e nele chocavam sua ninhada: a pequena ave esvoaçava e ambos da cria cuidavam. Assim também descansavam no bosque casais de veados e também de raposas e lobos selvagens: o macho trazia alimento para o ninho, a fêmea tirava piolhos dos filhotes. Então assim eu aprendia o que era realmente o amor: o amor que eu nunca tive de mãe nenhuma. Onde estavas tu, então, Mime, tinhas tu uma amável esposa, à qual eu poderia chamar de mãe?

Mime

O que há de errado contigo, tolo? Ah, és estúpido!
Por acaso és pássaro ou ainda raposa?

Siegfried

Falar do filho nativo, tu hesitas, a quem aquecias com roupas, o pequeno verme: como pudestes conceber-me sem mãe?

Mime

Acreditar tu deves, no que te digo: eu sou teu pai e tua mãe ao mesmo tempo.

Siegfried

Tu mentes, antipático embusteiro!
Como os jovens, os velhos são iguais,
isto eu felizmente constatei.
Vinha para o claro riacho e então nele vi as árvores e animais nas águas refletidos, sol e nuvens, como eles realmente são, ao cintilar eles logo apareciam. Então via também meu próprio retrato. Bem diferente de ti eu aparecia lá: tanto como de um sapo é um reluzente peixe; na verdade, nunca nasceu um peixe de um sapo!

Mime

Horrível insensatez estás deduzindo!

Siegfried

Vê bem, de acordo com meu raciocínio, o que eu falei me parece bem claro, e que longamente tenho ponderado em vão: quando eu corro para a floresta, para fugir de ti, como é que eu sempre retorno?

De ti eu devo primeiro descobrir quem são meu pai e minha mãe?

Mime

Que pai? Que mãe?

Marota pergunta!

Siegfried

Então eu devo te apertar para conseguir saber alguma coisa. Esperando a tua boa vontade não descubro nada!

Assim, eu devo resistir a tudo que vem de tua boca.

A nenhuma de tuas lorotas teria eu de acreditar, arrancar à força a verdade de ti patife é o que vou fazer.

Fora com a mentira, cara rabugento!

Quem são meu pai e minha mãe?

Mime

Tu quase me matas!

Vamos então! Aprende o que estás ansioso para conhecer, como eu o sei muito bem, ó ingrato, rapaz cruel!

Agora ouve porque tu me rejeitas!

Eu não sou nem teu pai nem membro de tua família, e apesar disso, tu me deves muito!

Totalmente estranho tu me és, ao teu único amigo; somente por compaixão eu aceitei tomar conta de ti: agora eu recebo esta beleza de recompensa!

O que eu, um tolo, poderia esperar de ti, gratidão?

Primeiro, encontrava-se gemendo e chorando uma mulher

lá fora, na selvagem floresta:

para esta gruta aqui com sacrifício eu a trouxe,

e na lareira quente eu a aqueci.

Uma criancinha trazia ela na barriga; sofrida ela deu à luz a ela aqui; ela andava para lá e para cá, e eu a ajudava tanto quanto podia.

Quando mais era necessária, ela morreu, deixando aos meus cuidados Siegfried, o sobrevivente.

Siegfried

Então, minha mãe morreu ao dar-me à luz?

Mime

À minha guarda ela te entregou:

“eu te presenteio com prazer a criança”, disse.

Quanto esforçou-se Mime, para cuidar do que lhe fora dado por necessidade!

“Como criança de minha família eu te criei.”

Siegfried

Eu imagino que tu disseste os prolegômenos!
Agora diz: Por que eu me chamo de Siegfried?

Mime

Assim disse-me a mãe,
querendo que eu te chamasse:
como Siegfried tu crescerias forte e belo.
“Eu aquecia com roupas o pequeno verme”.

Siegfried

Agora diz, como se chamava minha mãe?

Mime

Isto eu sinceramente não sei te dizer!
Comida e bebida nunca te faltou.
Siegfreid
O nome deves me dizer!

Mime

Deu-me um branco; não me lembro! Oh, para!
Sieglinde poderia ela se chamar, aquela que, preocupada, te deu a mim.
“Eu te protegia como se fosses a minha própria pele”.

Siegfried

Agora, eu pergunto: como se chamava meu pai?

Mime

Esse eu nunca o vi.

Siegfried

Mas minha mãe não mencionou o seu nome?

Mime

Ele fora assassinado, foi o que ela disse.
Tu és órfão de pai, isso ela me disse.
“E como tu crescias, eu te esperava; teu leito eu arrumava para que dormisses.”

Siegfried

Para com essa velha cantarola!
Devo eu acreditar no que dizes, tu não me omitiste nada, então deixa-me ver os retratos!

Mime

O que devo ainda te comprovar?

Siegfried

Em ti eu não acredito só com os ouvidos, em ti eu dou fé somente vendo com os olhos: que sinal prova o que me disseste?

Mime

Isto aqui deu-me tua mãe:
pelo incômodo, despesas e cuidados
ela deixava como parca recompensa.
Aqui vês uma espada despedaçada.
Teu pai, dizia ela, a conduzia,
quando em sua última batalha ele sucumbiu.

Siegfried

E estes pedaços deves tu me forjar:
então, poderei embainhar a espada que é minha por direito! Agora anda! Apressa-te,
Mime!
Tem sucesso nessa empresa.
Podes tu fazer alguma coisa correta?
Então chegou a hora de me mostrares a tua arte!
Não me a troques por má futilidade:
somente nesses destroços eu ponho a minha confiança!
Eu o tenho achado preguiçoso, não tens feito boa solda, remendavas com mentiras o
duro aço, tu, covarde, pagarás com a própria pele.
Como limpar o aço, podes aprender comigo!
Então, ainda hoje, eu juro,
eu preciso da espada;
a arma devo ganhá-la ainda hoje.

Mime

O que queres ainda hoje fazer com a espada?

Siegfried

Para poder sair da floresta e zarpar pelo mundo: e nunca mais aqui retornar!
Como eu estou alegre, pois estarei em breve livre, nada me prenderá aqui, nada me
deterá!
Meu pai tu não és; nos horizontes eu estarei em casa; tua lareira não é minha casa,
minha manta não é teu telhado.
Como o peixe, alegre, nadando na maré, como o tentilhão, livre, se agitando, vou
voar daqui, para bem longe, como o vento, por cima da floresta, farei o meu cami-
nho, para nunca mais,
Mime, chegar a te ver.

Mime

Para! Para! Para! Para onde?
Ei! Siegfried! Siegfried! Ei!
Para fora ele força a passagem!
Eu fico sentado aqui:
pois o terei de volta para o meu velho problema; agora, perdi o tino totalmente!
Como me arranjarei agora?
Como poderei deter aqui o rapaz?
Como conduzirei o rapaz para o ninho de Fafner?
Como conseguirei juntar os pedaços do insidioso aço?
Nenhuma brasa do forno arde para mim da forma desejada.
A inveja do Nibelungo, com aflição e o suor, não me rebita Nothung, não me solda a
espada de verdade.

Segunda Cena (Mime, Wanderer/Wotan)

Wanderer

Ei, tu aí! Sábio ferreiro!
Ao exausto hóspede não recusarás a hospitalidade de tua casa e lareira!

Mime

Quem será que da selvagem mata me grita?
Quem me espreita da erma floresta?

Wanderer

Como “andarilho” sou conhecido no mundo;
extremamente tenho errado por aí:
nas costas da terra tenho me mexido muito.

Mime

Então mexe-te para bem longe e não descanses aqui, o mundo te chama “Andarilho”!

Wanderer

Homens bons sempre me deram refúgio e muitos têm-me dado boas-vindas, com presentes: somente o misantropo e mau teme o infortunado.

Mime

O infortúnio é minha companhia constante: queres então dimensioná-lo a um pobre homem?

Wanderer

Muito tenho explorado e muito tenho aprendido: importantes conhecimentos pude aferir, e de muitos a quem aborreci defendi-me sozinho, dúvidas que roeram os seus angustiados corações.

Mime

Percebi que és esperto e que espias muito,
aqui não estou precisando de farejador nem de espião.
Quero continuar solitário e estar só.
Eu te deixo vagabundear, toma teu caminho.

Wanderer

Muitos imaginavam que eram sábios, mas não sabiam como chegar ao que precisavam; eu os deixei perguntar para aconselhamento e dei-lhes meu conselho e foi lucrativo.

Mime

Muito acumulei de inúteis conhecimentos: para minha necessidade, eu sei o suficiente.

Basta-me a minha graça,
eu não preciso de mais nada:
à tua sapiência eu mostro o caminho da rua!

Wanderer

Aqui estou sentado à lareira e coloco minha cabeça como prêmio em uma aposta de conhecimentos. Minha cabeça será tua, tu a reterás, se tu não escutares de mim, o que quero ajudar-te, se eu não regatá-la com meus preceitos.

Mime

Como posso desembaraçar-me desse insidioso espião? De forma capciosa devo fazer minhas perguntas.

Tua cabeça penhoros para a fornalha: agora vela por ti, raciocina para solucionar!
Três das perguntas ponho-me livre.

Wanderer

Três vezes eu preciso acertar.

Mime

Moveste-te muito sobre as costas da terra, através do mundo com o Andarilho caminhaste; agora dize-me astuto: que raça vive nas profundezas da terra?

Wanderer

Nas profundezas da terra vivem os Nibelungos: Nibelheim é seu país. Pardos eles são.

O negro Alberich vigia-os como único senhor!

De um anel mágico obteve força para subjugar como escravos o estudioso povo.

Ricas joias, brilhantes tesouros ele os acumulava.

O anel deve para ele até o mundo ganhar; e agora, faz a segunda pergunta, anão?

Mime

Muito, Andarilho, tu me disseste da aldeiazinha umbilical da terra, agora, dize-me com simplicidade: que raça descansa nas costas da terra?

Wanderer

Nas costas da terra levanta-se com grande esforço uma raça gigante: Riesenheim é seu país. Fasolt e Fafner, os príncipes ásperos, invejavam o poder do Nibelungo.

O imenso tesouro ganharam para si e com ele foi incluído o anel. Por este os irmãos lutaram. Fasolt caiu como verme selvagem. Então, só Fafner vigia o tesouro.

A terceira pergunta agora está iminente.

Mime

Muito, andarilho, tu sabes a respeito das costas da terra.

Agora, diga-me certo, qual estirpe mora no alto das nuvens?

Wanderer

No alto das nuvens moram os deuses. Walhalla denomina-se o seu salão. Iluminados eles são. E Wotan, o senhor da luz, reina sobre eles.

Do mais sagrado galho do freixo da vida, ele construiu para si mesmo uma lança: apesar de ter murchado o tronco da árvore, nunca deverá a lança deteriorar-se; com sua ponta governa o mundo. Sagrados contratos, como símbolos de seu poder, são marcas rúnicas no cabo da lança. A custódia do mundo está na mão de quem segura a lança, apertada no punho de Wotan. A ele invejava o exército do Nibelungo. O povo gigante pedia o seu conselho: e sempre todos obedecem ao senhor todo-poderoso da lança. Agora, dize-me, sábio anão: eu não respondi adequadamente às tuas perguntas?

Estou livre, mantendo a minha cabeça?

Mime

Solucionaste as perguntas e mantiveste a cabeça: agora, Andarilho, segue o teu caminho!

Wanderer

Tu deverias perguntar-me o que necessitavas saber: para minhas respostas minha cabeça servia de garantia.

O que agora tu não sabes, e é o em que te deverias dedicar, isto utilizo então em teu desfavor como prenda.

Hospitaleiro, não mais vale para mim tua saudação, minha cabeça eu a coloquei em tua mão, podendo colocá-la livre da fornalha, como o fiz.

De acordo com a obrigação da aposta, de ti agora exijo a prenda, se não responderes corretamente às três perguntas.

Então, Mime, aguça a tua presença de espírito!

Mime

De há muito eu saí de minha terra natal, faz anos eu deixei o colo de minha mãe, iluminava-me o olho de Wotan, que prescrutava dentro de minha caverna: antes dele, a presença de espírito de minha mãe desvaneceu-se no caminho.

Agora eu devo, a meu favor, utilizar a minha própria prudência. Andarilho, faze as tuas perguntas então!

Talvez eu tenha suficientemente boa sorte, para manter a cabeça do anão.

Wanderer

Agora, sincero anão, responde-me por primeiro: qual é a raça a quem Wotan mostrou-se ruim, mas que, na realidade, é a que mais ama?

Mime

Pouco eu ouvi falar da parentela desses heróis; a pergunta, ora, vai deixar-me livre.

Os Wälsungen são a raça desejada,
que Wotan testemunhou e ternamente amou,
mostrou ele também atos em seu desfavor.

Siegmund e Sieglinde provieram dos Wälsungen, um selvagem e desesperado par de

gêmeos: deles nasceu Siegfried, o mais forte rebento Wälsung.
Mantenho eu, Andarilho, por primeiro minha cabeça?

Wanderer

Da mesma forma como me perguntaste sobre raças: julgar-te-ei, malvado astuto!
Da primeira pergunta tu te livraste.
Como segunda pergunta, dize-me, ó anão: um sábio nibelungo observa Siegfried,

Fafner deve ante ele cair,

pois que ele pode ganhar o anel,
para sér o senhor do tesouro do reno.
Qual espada deve Siegfried então empunhar, e com ela ferir de morte a Fafner?

Mime

Nothung chama-se uma espada invejada; em um tronco de um freixo Wotan a espetou: ela deveria pertencer a quem a tirasse do tronco.
O mais forte herói que jamais existiu:
Sigmund, o ousado, pôde fazê-lo sozinho; com furor ele a esgrimiou numa luta, até que na lança de Wotan ela se quebrou.
Então foram guardados os pedaços
para um determinado sábio que os forjaria;
pois este sabe que, sozinho, com a espada de Wotan,
criança ousada e tola, Siegfried, matará o dragão.
Conservo eu anão, também pela segunda vez, minha cabeça?

Wanderer

Tu és o mais espirituoso dos homens sábios: quem seria igual a ti em engenhosidade?
Mas se és assim tão astucioso tanto para explorar o juvenil herói como para servir aos propósitos do anão, deixa-me ameaçar-te com a terceira pergunta!
Dize-me, astuto forjador de armas: quem deverá soldar as robustas lascas e refazer a espada Nothung?

Mime

Os pedaços! A espada!
Ai de mim! Estou com a cabeça zonza!
Como recuperar o equilíbrio?
O que eu posso responder?
Desgraçado aço, melhor seria não tê-lo roubado!
Ele me fez perder o tino em tormento e necessidade!
Ele permanece sempre duro para mim, ele me desafia eu não posso martelá-lo;
arrebite e solda não me obedecem no ponto certo!
Eu não saberia aconselhar ao mais competente soldador!
Quem vai soldar agora a espada? Eu não consigo levar a cabo!
Esse milagre, como posso eu sabê-lo?

Wanderer

Três vezes deveste perguntar, três vezes eu estava livre.

Wanderer

Com vaidade, perguntaste sobre inutilidades, coisas distantes, mas o que puseste de lado estava bem próximo de ti, o que necessitavas saber não aconteceu para ti.

Então, eu adivinho uma coisa, tu caminhas para a insanidade: eu ganhei a engraçada cabeça!

Agora, à valentia de Fafner-conquistador, ouve, arruinado anão: “Somente aquele que nunca sentiu temor poderá forjar a Nothung outra vez.”

Tua sábia cabeça fica salva por hoje: deixá-la-ei para ser desmoronada por aquele, que nunca aprendeu a ter medo!

(desaparece rindo)

Terceira Cena(Mime, Siegfried)

Mime

Amaldiçoada luz!

O que arde ali, no ar?

O que flameja e reluz? O que cintila e sibila?

O que redemoinha e o que flutua ali, mexendo-se rodando?

Isto ali resplandece e brilha no brilho da luz do sol.

O que é aquilo sussurrando e zumbindo e sibilando agora muito? Aquilo zune e sopra e crepita para cá!

Está quebrando a fundo a floresta e vindo em minha direção! Uma descomunal goela se abre com violência para me engolir: o verme quer me apanhar!

Fafner! Fafner!

Siegfried

Olha aqui, seu preguiçoso!

Já estás pronto?

Rápido, como está indo com a espada?

Onde está a forja? O aço desapareceu?

Ei, aqui, tu, Mime!

Onde estás? Onde te escondes?

Mime

És tu, ó criança?

Vieste sozinho?

Siegfried

Atrás da bigorna?

Dize, que estavas fazendo lá?

Afiavas para mim a espada?

Mime

Onde posso encontrar ajuda?

Meus sábios conhecimentos em perdi em aposta: arruinado, eu perdi tudo para aquele, “que nunca conheceu o medo”.

Siegfried

São essas evasivas dirigidas a mim?

Estás tentando escapar de mim?

Mime

Eu de bom grado desapareceria de perto de quem conheceu o medo!

Mas eu fracassaria em ensinar isso à criança!

Eu tolo esqueci o que era unicamente bom: amar-me ele deveria ter aprendido; a obtenção disso agora me parece incerto! Como posso eu ensinar o temor a ele?

Siegfried

Ei! Devo ajudar?

O que fizeste hoje?

Mime

Em minha ansiedade cuidava sozinho de ti, e perdia o senso das coisas, de como ensinar-te algo realmente de importante.

Siegfried

Até debaixo do assento estavas afundado: o que de importante encontraste aí?

Mime

Eu estudava como se aprende a ter medo, que eu queria ensinar-te, ignorante.

Siegfried

O que há com o temor?

Mime

Tu ainda nunca o conhecestes, e queres abandonar a floresta e ir embora para o mundo?

De que te servirá a mais firme espada, se o temor ainda está longe de ti?

Siegfried

Tu agora deste para inventar conselhos inúteis?

Mime

Tua mãe aconselhou-me proceder assim; eu devo agora executar o que eu prometi: não te deixar partir para o meio do mundo, enquanto não tivesses aprendido a ter medo.

Siegfried

Se se trata de uma arte, porque eu ainda não a aprendi?

Ora, vamos! O que há com o temor?

Mime

Tu nunca pulsaste de medo na sombria floresta,
na luz crepuscular em lugares escuros,
quando longe algo fantasmagórico murmura, zumbe e sibila,
o zunir da floresta mais perto brame,
o chamejar desordenado para ti cintila,
o vibrar entumecendo paira em ti na barriga:
não tiveste a sensação do sinistro horror
apertando os teus membros?

Ardente olhar estremecendo os membros, no peito tremendo de medo rebentando de batidas aceleradas o coração? Se isto nunca sentiste, o temor permanece para ti estranho.

Siegfried

Isso parece ser muito estranho mesmo!

Firme e forte é meu coração, eu posso sentir.

Este tremor e estremecimento, ardente e penetrante, palpitante e desfalecente, martelando e ritmando, eu gostaria de sentir este alarme, eu anseio e me enlanguesço por este prazer!

Mas, como poderás tu, Mime, trazer-me isto?

Como seria tu, Memme, meu mestre?

Mime

É só me seguires, eu te guiarei bem: eu encontrei fora, enquanto eu estava pensando. Eu conheço um perigoso dragão, o qual já matou e devorou muitos homens:

Fafner ensinar-te-á a ter temor,

se tu me acompanhares até o seu ninho.

Siegfried

Onde está situado o seu ninho?

Mime

Gruta da Inveja assim é chamado: a oeste, no final da floresta.

Siegfried

Então não deve ser muito longe do mundo?

Mime

Até a Gruta da Inveja, ela se situa perto daqui.

Siegfried

Para lá então tu deves me conduzir: aprenderei o temor e me mandarei para o mundo! Rápido, então! Trabalha a espada, no mundo eu a quero agitar.

Mime

A espada? Ó necessidade!

Siegfried

Rápido para a forja!
E mostra-me o que tu labutas!

Mime

Maldito aço!
Remendá-lo eu não o sei: a força do anão não domina a tenaz magia.
Somente aquele que não conheceu o temor,
este sim poderá achar, com certeza, mais depressa a arte.

Siegfried

Com hábil pretexto me enrola o preguiçoso, que é um ignorante, deveria ele mesmo confessar: agora que ele mente com astúcia, é verdade. Fora!
Traze os pedaços para cá! Fora com o ignorante!
O aço de meu pai se submeterá a mim: eu mesmo soldarei a espada!

Mime

Tivesses tu o cuidado e o afinco com a arte, eu te levaria a sério: ao contrário, sempre foste negligente no aprender; como, então, poderás tu fazer isto satisfatoriamente?

Siegfried

Como poderia o pupilo realizar o que o mestre não pode saber lidar, mesmo se aquele estivesse sempre atento?
Agora vai para fora e não interfiras, senão cairás junto comigo no fogo!

Mime

O que estás fazendo aí?
Toma aqui a solda:
eu tenho preparado esta mistura há longo tempo.

Siegfried

Fora com essa cola!
Eu não preciso dela:
com essa tua mistura eu não faço nenhuma espada!

Mime

Tu lixaste o refinado aço, arruinaste a lima, como poderás, agora, unir as peças?

Siegfried

Depois de lixá-lo, eu preciso expandi-lo: o que estava quebrado eu posso remendar.

Mime

Nenhum expert pode ajudar aqui, eu vejo isto claramente: somente o tolo ele próprio pode se ajudar!
Quão pesado ele trabalha, com poder e afinco!
O aço está em tiras, entretanto ele não está preocupado.
Eu sou tão velho como as grutas e florestas, mas nunca vi nada igual!

Ele parece sair-se bem com a espada, isso eu posso ver plenamente: sem medo, ele a limpa muito bem.

O Andarilho bem que o sabia!

Como agora pôr a salvo minha receosa cabeça?

Ao ousado rapaz ela ruirá, não o ensinará Fafner a ter medo!

Mas a dor está comigo!

Como ele matará o dragão se ele aprender a ter medo dele?

Como poderá ele obter o anel para mim?

Maldito dilema!

Estou em apuros! Não encontraria um conselho prudente, com uma forma de eu mesmo subjugar o rapaz sem medo!

Siegfried

Ei, Mime! Depressa!

Como chama-se a espada, que eu estico e expando?

Mime

Nothung chama-se a espada invejada: tua mãe deu-me esse nome.

Siegfried

Nothung! Nothung! Espada invejada!

Por que tinha que se despedaçar?

Agora eu reforço teu brilho afiando-te, na fornalha, eu derreti e estendi as lascas.

Rôrô! Rôrô! Rôrrai! Rôrrai! Rôrô!

Sopra, fole! Sopra as brasas!

Na floresta selvagem cresceu uma árvore, então eu a derrubei na floresta: o castanho freixo eu o transformei em carvão, na fornalha agora ele está amontoado.

Rôrô! Rôrô! Rôrrai! Rôrô!

Sopra fole! Sopra as brasas!

O carvão da árvore como queima ousadamente; como arde, iluminado e brilhante!

Saltando fagulhas, levanta faíscas.

Rôrô! Rôrô! Rôrrai! Rôrrai! Rôrô!

Sopra fole! Sopra as brasas!

Mime

Ele forja a espada e Fafner cairá:

isso eu antevejo claramente.

Tesouro e anel cairão nas mãos dele:

como eu posso recuperar para mim seu ganho?

Com graça e astúcia eu abocanho os dois e mantenho intacta minha cabeça.

Siegfried

Rôrô! Rôrô! Rôrrai! Rôrrai! Rôrrai!

Mime

Quando ele estiver cansado pela luta empreendida com o dragão, uma bebida deverá refrescá-lo após seus ingentes esforços: feita de aromáticas e vigorosas seivas, que eu

recolhi, preciso dar a ele a bebida; somente poucas gotas carece ele tomar, sem refletir, cairá imediatamente no sono.

Com sua própria arma, que ele ganhou para si,
eu o tirarei fácil do caminho, obtendo para mim o anel e o tesouro.

Ei, sábio Andarilho! Parecer-te-ei ainda tolo?

Como te parece, agora, minha subtil graça?
Encontrei para mim o bom conselho e a paz?

Siegfried

Nothung! Nothung! Espada invejada!

Neste instante, os pedaços do teu aço estão fundidos!

Na tua própria transpiração nadas tu agora, em breve eu te agitarei como minha espada!

Na água circula uma torrente de fogo: ira feroz a sibila para cima.

Como ela fluiu e ficou ressequida,
na torrente da água ela não desembocará nunca mais.

Rígida e firme ela está,
imperiosa no duro aço:

sangue quente logo correrá por ela!

Agora transpira ainda uma vez, que eu te soldo,
Nothung, espada invejada!

No que trabalha o desastrado lá com a panela?

Aqui estou queimando o aço e tu fazendo aí porcaria?

Mime

Um ferreiro tem sido colocado na vergonha; um aluno ensina isto a seu mestre; o velho homem está agora fora de seu ofício e servirá ao rapaz como seu cozinheiro.

Enquanto ele funde o ferro em papa, o velho homem deseja cozinhar para ele alguma sopa com estas coisas.

Siegfried

Mime, o artista,
aprende agora cozinhar;
o forjar não tem mais prazer para ele.

Todas as espadas que fez eu quebrei; o que ele cozinha não o experimento!

A aprender o temor, quer ele me conduzir; um estranho deverá ensinar-me: o melhor que Mime pode fazer, é não levar para mim nada de casa: como ignorante ele permanece em tudo!

Rôrô! Rôrô! Rôrrai!

Forja, meu martelo, a mais dura espada!

Rôrô! Rarraí! Rôrô! Rarraí!

Sua lâmina azul uma vez fluía vermelho e escornava ruborizada com as gotas de água: fria, ris tu ali, o ardente tornou-se frio.

Raiarrô! Rárá! Rarreiará!

Agora tu estás ruborizada e vermelha com o fogo.

Tua quente dureza o martelo retira: irada tu me lanças fagulhas, porque eu domestiquei tua obstinação.

Raiarô! Raiarô! Raiarôrôrô! Rarraí!

Mime

Ele está forjando para si uma espada afiada,

para derrotar Fafner, o inimigo do anão:

eu preparei uma bebida enganosa

para imobilizar Siegfried, quando Fafner for abatido:

minha astúcia deve ter sucesso:

para mim deverá sorrir o despojo.

Siegfried

Rôro! Rôro! Rarraí!

Forja meu martelo uma imbatível espada!

Rôro! Rarraí! Rarraí! Rôro!

A fagulha alegra-se como eu me alegro; ela orna a ousadia, a força da ira: jovial, tu me sorris,

de ti também transparecem ira e aflição!

Raiarrô, rarrá, rarraiará!

Através de brasa e martelo sou bem sucedido; com batidas fortes eu te estico:

agora deixa a vergonha pela tua ruborização encolher e ir embora; torna-te fria e rígida, como tu podes.

Raiarô! Raiarô! Raiarôrôrô! Raiah!

Mime

Aquele para quem o irmão trabalhava, com brilhante maturidade, na qual ele usou habilidades dominando à força o brilhante ouro, que o fez soberano, eu dominarei! Eu o escravizarei!

Alberich, ele mesmo, que uma vez empurrou-me para a escravidão, eu agora posso obrigá-lo a ananizar no trabalho árduo.

Como príncipe nibelungo lá embaixo; todos deverão obedecer a mim, o Senhor!

O anão desprezado, como ele irá ficar honrado!

À minha acumulação de bens contribuirão deuses e heróis.

À minha passagem inclinará a cabeça o mundo, diante de minha cólera todos tremarão!

Então verdadeiramente trabalhar para Mime deverão todos: outros deverão fazer joias eternas para ele.

Mime, o audaz, Mime o rei,

príncipe dos brancos, o assim seja de todos.

Ei, Mime! Como feliz tu serás!

Quem poderia adivinhar tal coisa?

Siegfried

Nothung! Nothung! Espada invejada!

Agora tu estás fixada novamente no cabo.

Tu estavas quebrada, mas eu te fiz novamente; nenhum golpe agora deve mais te despedaçar.

Com o pai falecido rompeu-se o aço, o filho sobrevivente o forjou de novo: agora seu claro brilho lhe sorri, seu fio corta implacavelmente.

Nothung! Nothung! Espada invejada!

Eu te despertei para viveres de novo.

Tu estavas morta lá em fragmentos, agora tu brilhas gloriosa e desafiante.

Agora mostra aos trapaceiros teu brilho!

Bate nos falsos, abate o maroto!

Olha agora, Mime, tu, ferreiro, como corta a espada de Siegfried!

2º Ato

Num outro ponto da floresta, próximo à caverna em que se encontra escondido, sob a forma de dragão, o gigante Fafner, montando guarda ao ouro do Reno, Alberich, que vigia a caverna de Fafner, na esperança de reaver, de qualquer modo, o ambicionado tesouro, é surpreendido, à noitinha, quando a escuridão é rompida por um clarão rubro, com a inesperada aparição de Wotan, se bem que ainda sob o disfarce do Andarilho. Recordando, com amargura, o modo pelo qual este, como Wotan, lhe roubara o anel, diz-lhe grosseiramente para cair fora dali. Também vitupera Wotan com suas ambições de domínio do mundo, mas este permanece filosoficamente calmo e até adverte o anão, instigando-o, sobre a aproximação de Mime e do jovem Siegfried, este destinado a matar o dragão. Insinua o viajante a Alberich que ele poderá, antes que o irmão apareça, conseguir o tesouro para si próprio, negociando com Fafner. A sugestão agrada ao anão, e Alberich grita para a caverna em que Fafner se encontra propondo deixar-lhe todo o tesouro e pedindo-lhe, apenas, o anel que por direito lhe pertence e que com ele no dedo mudará o lado vencedor da luta a ser empreendida. A resposta negativa de Fafner é dada com a maior violência. Wotan, o viajante desconhecido, ri zombeteiramente, da inutilidade dos esforços de Alberich. Depois de alguns conselhos amistosos, o Andarilho desaparece na floresta.

Surge o dia, lentamente. Mime chega com Siegfried e lhe explica sobre o terrível dragão que se esconde dentro da caverna, cuja baba é venenosa e cuja cauda é mortal. A disposição de Siegfried, que vem portando a espada, recém-forjada por suas próprias mãos, é das mais firmes. Vem para liquidar o dragão e não toma a menor cautela, apesar das muitas recomendações de Mime nesse sentido, inclusive lembrando-lhe que o hálito do monstro é venenoso. Siegfried só se preocupa em saber onde fica o coração do monstro, para ali enfiar a sua espada. Percebendo o anão que Siegfried está disposto a tudo, resolve tomar suas próprias cautelas e se afasta para lugar seguro de onde possa assistir à luta. O dia avança e ante o espetáculo de beleza que lhe oferece a floresta banhada de luz, Siegfried se esquece do dragão, não lhe tem o menor temor e deita-se a contemplar as altas árvores, os pássaros e as verdes frondes. O rapaz

expressa o seu alívio por saber que o anão não é, afinal de contas, o seu pai. Aqui a orquestra executa o famoso momento sinfônico conhecido como Murmúrios da Floresta.

Siegfried faz alusões ao pai e à mãe, e se entristece por saber que esta morreu ao lhe dar à luz e, ouvindo o canto do pássaro da floresta, tenta imitá-lo na esperança de compreender a canção, pois o pássaro emite um canto fascinante. Siegfried, cativado, procura reproduzir-lhe a voz com uma flauta improvisada de um caniço. Seus esforços resultam em vão. Tomando então, nas mãos, a trompa de caça, sopra-a para, assim, de algum modo, responder ao canto da ave. Mas o som da trompa desperta o sonolento dragão que, ao ouvi-lo, percebe que alguma ameaça paira sobre a sua riqueza. Avança até a entrada da caverna e pela boca e as narinas expele, ameaçadoramente, fumo e fogo. Fafner dialoga com Siegfried, terminando por trocarem insultos. Siegfried, que estava mesmo à espera dessa oportunidade, sem o menor resquício de medo, serve-se pela primeira vez de sua poderosa espada. No rápido combate que se trava, em que Fafner é ferido mortalmente no coração, três coisas são positivadas: o heroísmo incomparável do jovem Siegfried, o valor da espada que indiretamente lhe foi legada por Wotan, e finalmente, mais uma etapa cumprida da maldição de Alberich em relação aos possuidores do anel. Fafner, porém, antes de expirar, conta a Siegfried a sua história e previne-o de que sua morte ocorrerá em breve, planejada por alguém e executada por seu filho, como ele lhe predestinara agora este fim.

O jovem, após abater o dragão e puxar a espada do coração de Fafner, vê que uma de suas mãos está tingida do sangue quentíssimo da fera. Quase sem querer, leva aos lábios aquele sangue que queima, e, milagrosamente, a linguagem do pássaro se lhe torna inteligível. Por ele fica sabendo da existência, no interior da caverna, do Tarnhelm, o elmo mágico, e, ainda, do anel. Dispõe-se, pois, a buscá-los, penetrando no interior do esconderijo do extinto dragão Fafner. Pouco depois regressa trazendo o elmo e o anel, deixando, porém, todo o ouro. No período em que Siegfried está dentro da caverna, Alberich e Mime, os irmãos Nibelungos, discutem sobre a posse do tesouro, mas ao verem, à entrada da caverna, a figura de Siegfried já retornando com suas prendas, escondem-se precipitadamente entre os arbustos próximos. Mime, alguns momentos mais tarde, vai ao encontro de Siegfried, bajulando-o com falsas palavras, oferece-lhe uma bebida, a qual - afirma - lhe recuperará as forças após a terrível luta contra o dragão. Graças, porém, à sua compreensão da linguagem do pássaro, Siegfried é por ele informado das reais intenções de Mime. A bebida repousante e restauradora, é, na verdade, um veneno. Siegfried, enojado da falsidade de Mime, elimina-o com um golpe de espada, atirando seu corpo às portas da caverna, para onde também arrasta o dragão morto. Novamente o jovem se encontra inteiramente só e agora realmente prostrado pelo esforço despendido. Lamentando sua solidão, num triste monólogo pergunta se não terá, na vida, alguém que lhe faça companhia. Inesperadamente, o pássaro da floresta faz-lhe uma revelação: uma gloriosa noiva o espera no topo da montanha, cercada de fogo. “Se ele, Siegfried, se dispuser a segui-lo, servir-lhe-á de guia”. Deslumbrado, o jovem aceita o oferecimento, levanta-se e empreende a viagem rumo à rocha em que se encontra Brünnhilde, a valquíria.

Primeira Cena (Alberich, Wanderer e Fafner)

Alberich

Na floresta e até de noite, diante da Gruta da Inveja, eu monto guarda: meu ouvido fica à escuta, muito afadigados meus olhos espiam. Tímido dia, tu já estás se movendo? Amanhescas lá por cima da escuridão? Que brilho cintila lá no alto? Mais perto vislumbra-se um brilho claro. E corre como um cavalo iluminado longe através da floresta de lá. Já se aproxima o esmerilhão do verme? Isto é o prenúncio da liquidação de Fafner? A luz amortece, o brilho está inquieto por causa do olhar: é de novo noite. Quem lá na sombra brilhava tanto?

O Andarilho

Eu viajava, à noite, para a Gruta da Inveja; quem avisto lá na escuridão?

Alberich

Tu mesmo te deixas ver aqui?
O que tu queres aqui?
Não te demores, segue logo teu caminho!
Vai embora, desavergonhado ladrão!

Wanderer

Negro Alberich, tu vagueias por aqui?
Ou guardas a casa de Fafner?

Alberich

Estás prescrutando em volta para mais traquinagem?
Não te demores aqui, retira-te, segue teu caminho!
De suficientes fraudes, na angústia, tens impregnado nossa terra. Com todos teus pertences, tu insolente, vai-te, deixa-nos em paz!

Wanderer

Eu vim para observar, não para agir:
quem obstruiria o caminho do viajante?

Alberich

És tu quem me sugere trapaça e maquinação!
Onde eu estaria para te obsequiar como se ainda fosse estúpido, como quando me prendeste, como tolo como eu fui, achas fácil pôr-me novamente à prova para roubar-me de novo o anel?
Cuidado! Bem conheço agora tua arte;
inclusive, onde és mais fraco eu estou muito bem informado.
Com meus tesouros pagaste tuas dívidas.
Só meu anel pagaria em dobro os gigantes pela edificação do teu castelo.
O que prometeste uma vez ao obstinado par, e não pudeste,
ainda se mantém inscrito até hoje no cabo de tua lança autoritária.
Não ousaste roubar de novo dos gigantes

o que a eles pagaste como quitação de dívida:
tu mesmo despedaçaste a espada na haste de tua lança:
na tua mão a haste dominadora tão sólida, será esfacelada como pó!

Wanderer

Através de contratos leais estou enlaçado, não te zangues por isso comigo: é minha lança que te subjuga ao seu poder; eu te desafio então, com prazer, para a guerra.

Alberich

Quão insolentemente tu ameaçavas com teu obstinado poder, no entanto, quão medroso eras, no fundo!

O destinado a morrer, em razão da minha maldição, é exatamente ele quem guarda o tesouro:

Quem o herdará?

Irá o invejado tesouro pertencer novamente aos nibelungos?

Isto está sendo a tua permanente preocupação!

E se eu o retiver novamente na mão?!

Ao contrário dos estúpidos gigantes,

eu usarei o poder do anel:

então tremerás, sagrado guardião de heróis!

Eu tomarei de assalto o Valhalla lá nas alturas, com o exército de iluminados:

Então eu serei o senhor do mundo!

Wanderer

Tuas intenções já as conheço bem e elas não me preocupam.

O reinado do anel será de quem o conquistar.

Alberich

Quão obscuramente tu falas o que eu já claramente sei!

Teu desafio se lastreia em confiança nos filhos de heróis, ternamente descendentes de teu próprio sangue.

Não criastes tu mesmo um rapaz, o qual espertamente te colheria o fruto que tu mesmo não ousarias tocar?

Wanderer

Não comigo, deves ter cuidado com Mime: teu irmão traz consigo perigo; um rapaz ele encaminha para cá, com a finalidade de matar Fafner para ele.

Nada ele sabe de mim.

O nibelungo o usa em seu próprio proveito.

Então, eu te digo, companheiro, faz exatamente aquilo que te convém!

Ouve com atenção minhas palavras: põe-te de guarda!

O rapaz não conhece o anel, mas Mime o explora.

Alberich

Tua mão, com ela não o tiraste do tesouro?

Wanderer

A quem eu amo eu abandono para defender-se sozinho; ele ficará de pé ou cairá, seu senhor é ele mesmo: eu me valho tão-somente de heróis.

Alberich

Com Mime brigo sozinho pelo anel?

Wanderer

Além de ti, somente ele deseja o ouro.

Alberich

Todavia eu não o venceria?

Wanderer

Um herói nato está se aproximando para libertar o tesouro.

Dois nibelungos avarentam o ouro.

Fafner tomba; aquele que guarda o anel: quem o apanhar, ganha-o.

Queres mais ainda?

Lá está o verme.

Tu o temes antes da morte,

mas dócil, já morto, ele deixa a futilidade
que eu mesmo tirei de ti.

Fafner, Fafner! Acorda, verme!

Alberich

O que o selvagem inicia?

Realmente, será que ele não me inveja?

Fafner

Quem me estorva o sono?

Wanderer

Alguém chegou,

para com urgência te avisar sobre um perigo iminente:

Ele te recompensará com a vida,

se pela tua vida tu o recompensares com o tesouro que tu guardas.

Fafner

O que ele quer?

Alberich

Acorda, Fafner! Acorda, dragão!

Um selvagem herói está se aproximando para competir contra teu poder.

Fafner

Ele matará minha fome!

Wanderer

Ousada é a força da criança, sua espada corta afiada.

Alberich

Ele avarenta tão-só o anel de ouro: deixa-me o anel como prêmio, assim eu inverte a briga, tu guardarás o tesouro e tranquilo viverás longamente em paz!

Fafner

Estou aqui deitado e tenho posses.
Deixa-me dormir!

Wanderer

Ah, ah ah!

Então, Alberich, isto te saiu despropositado.

Pois não me pedes mais nenhum conselho.
Vale a pena prestar a atenção num que eu te dou!
Todas as coisas correm como devem e o seu curso nem de leve pode ser alterado.
Tu não poderás nada mudar.
Eu te deixo as cidades, averigua!

Observa Mime, teu irmão, a sua arte tu a conheces muito bem.

O que for diferente, procura agora aprender também!

Alberich

Para lá ele cavalga,
sobre um luminoso cavalo;
a mim ele escarneceu e deixou preocupado.

Na verdade ele era só sorrisos;

vós, levianos, divertidos, iluminados deuses!
A vós eu ainda verei todos perecerem!
Enquanto o ouro reluz, um sábio monta guarda.
Sua obstinação o fará vencedor!

SEGUNDA CENA

(**Mime, Siegfried, Fafner, O pássaro da floresta**)

Mime

Nós estamos no lugar! Permanece aqui sentado!

Siegfried

Aqui devo aprender a temer?
De longe tu me trouxeste: uma noite inteira na floresta, nós dois andávamos sós.

Então, agora, Mime, deves me evitar!

Aqui não aprendo o que preciso aprender.
Sozinho, mudo-me para longe.
De ti, enfim, vou ficar livre!

Mime

Acredita, meu querido!
Se não aprenderes hoje, neste lugar, o que é o temor, dificilmente o aprenderás em outro lugar, nem em outra época.
Estás vendo ali a entrada da caverna?
Pois é lá dentro que mora um verme cinzento e selvagem: ele é terrivelmente feroz e monstruoso; uma horrível goela ele abre e com pele e cabelo, de uma só vez, o maldito pode te engolir.

Siegfried

Bom seria fechar logo sua goela:
pois não vou me oferecer à sua dentadura.

Mime

Ele verte um líquido venenoso: quando com a baba suarenta ele espirra, tremem na gente as pernas e as carnes e se quer estar bem longe.

Siegfried

Que o veneno do líquido não me veja, vou para o lado do verme.

Mime

Uma cauda como cobra ele a joga por cima; enquanto isso, ele engole e abocanha forte; e, então, quebra as juntas como vidro!

Siegfried

Para do balançar da cauda me proteger, seguro o maldito pelo olho.
Pois me esclarece isto: tem o verme um coração?

Mime

Um rabugento, duro coração.

Siegfried

Isto existe nele?
Aquilo que bate, que vem com gente e animal?

Mime

Certamente, rapaz, o verme o tem.
Agora estás possuído do temor?

Siegfried

Nohung eu empurrarei no coração do orgulhoso!
Por acaso isto se chama temor?

Ei, velho, isto é tudo,
que tua esperteza pode ensinar?
Então pega teu caminho!
Aprender a temer eu sei que não aprendo aqui.

Mime

Aguarda somente um pouco!
O que te falo, parece não ter ressonância: a ele próprio tu precisas escutar e ver, os
pensamentos aí já te vão mudar.
Quando teu olhar sumir e o chão te faltar, o peito se inquietar e teu coração estreme-
cer: aí agradecerás àquele que te conduziu até aqui e pensarás: como Mime me ama!

Siegfried

Tu não deves me amar!
Nunca te disse isto?
Fora da minha vista!
Deixa-me sozinho:
ou não vou aguentar ficar aqui por mais tempo.
Não recomeces essa história de amor, não!
O nojento de cabeça inclinada piscou os olhos, quando finalmente não irei mais vê-lo,
quando estarei livre desse parvo?

Mime

Eu vou deixá-lo agora.
Ali na fonte vou ficar; permanecerás sozinho aqui;
quando subir o sol para as alturas observa o verme:
da gruta ele rastejará para cá, dobrará por aqui e irá beber no poço.
Siegfreid
Mime, se tu esperares lá na fonte, eu certamente encaminharei o dragão para lá:
Nothung eu enfiarei nele primeiro nos rins,
mas somente depois que ele tiver te engolido todinho.
Por isto, escuta o meu conselho: não descanses lá na fonte; dá a volta pelo caminho,
vai para onde quiseres, e nunca mais venhas até mim!

Mime

Para te refrescares depois da encarniçada luta, não irás precisar mesmo de mim?
Chama-me também se precisares de conselho ou se o medo te pegar.
Fafner e Siegfried, ou Siegfried e Fafner, ó, bem que podiam ambos se matar!

Siegfried

Que aquele não é meu pai não é, como me sinto feliz por isso!
Agora somente me agrada a refrescante floresta; por agora me sorri o alegre dia; para
lá o antipático se foi e com certeza não o verei mais!
Como se pareceria meu pai?
Ah, certamente, comigo mesmo!
Então como seria um filho de Mime, não deveria ser exatamente igual a Mime? Exa-

tamente tão feio, cinzento e rabugento, pequeno e curvo, corcunda e coxo, de orelhas penduradas, olhos fundos - fora com o pesadelo!
Não quero nunca mais vê-lo!

Siegfried

Mas como, então, se pareceria minha mãe?

Isto eu nem posso mesmo imaginar!

Brilhante como a corça, seguramente, seus delicados brilhantes olhos, mas muito mais encantadora!

Quando ela me teve na tristeza por que então ela morreu?

Devem todas as mães de homens morrer ao terem seus filhos?

Isto seria deplorável, certamente!

Ah, se eu, seu filho, pudesse ver minha mãe, minha mãe, uma mulher mortal, cheia de vida!

-Vozes do Passarinho –

Tu, querido passarinho!

Eu nunca tinha te ouvido antes: tu moras mesmo nesta floresta?

Se eu entendi tua doce canção,

Certamente querias dizer alguma coisa para mim,
talvez quem sabe sobre minha falecida mãe?

Um birrento anão explicou-me,

que o balbuciar dos pássaros dá para entender,
para tanto dever-se-ia praticar.

Como isto poderá ser possível?

Ah, eu tentarei e repetirei isto:

com a flauta de junco ressoarei igual a ele!

Se eu esqueci suas palavras posso imitar seus tons, eu estarei cantando igual à sua língua e seguramente entenderei o que ele me diz.

Silencia e escuta:

Assim proaremos então livremente!

Isto não soa correto;

com a flauta de junco não sai a deliciosa melodia. Passarinho, eu penso que eu sou por demais estúpido: não me é fácil aprender contigo!

- O Pássaro canta –

Agora eu me envergonho antes mesmo de o pândego escutar: ele balança e mira e não entende nada.

Ei, lá, agora tu ouvirás minha trompa.

Com a ignorante flauta de junco eu não posso fazer nada. Uma melodia da floresta, como eu a posso cantar, a alegre canção tu poderás agora ouvir e entender.

Com ela eu sempre chamei um bom companheiro: nada melhor tem-me vindo do que raposa e urso.

Agora deixa-me ver,

o que virá até mim

talvez um querido companheiro?

(Siegfried toca a corneta)

Rá, rá! Assim meus esforços suscitaram algo de maravilhoso!
Tu me serias um adequado companheiro!

Fafner

Quem está aí?

Sietfried

Ei, és tu uma fera que serve para conversar, talvez haja alguma coisa que eu possa aprender de ti? Aqui está alguém que não conhece o temor; pode ele aprendê-lo de ti?

Fafner

Tu és arrogante!

Siegfreid

Coragem ou arrogância, o que sei eu!

Mas, eu te derrubarei para retalhar se não me ensinares a ter medo.

Fafner

Beber eu queria:

agora eu encontrei também comida!

Siegfried

Uma graciosa boca tu me mostras aí, dentes sorridentes numa delicada boca!

Que bom que seria fechar tua goela; tua mandíbula abre-se demais!

Fafner

Para falar com surdos ela não serve, mas para te devorar, ela é bem adequada.

Siegfried

Rô, rô! Tu, feioso, sujeito horrível!

Eu não desejo ser digerido por ti; mas me parece certo e correto ver-te logo espichado aqui.

Fafner

Bá! Vem, criança fanfarrona!

Siegfried

Cuidado, berrador! O fanfarrão se aproxima!

(Ele empunha sua espada, ataca Fafner, e dá uma estocada com sua espada no coração dele até o cabo) Deita-te aí, sujeito invejoso:

Nothung, a tens bem no coração!

Fafner

Quem és tu, ousado rapaz, para me atingir o coração?

Quem excitou a coragem do jovem para a ação mortal?

Teu cérebro não meditou antes, sobre o que irias realizar?

Siegfried

Muito eu ainda não sei, também ainda não, quem eu sou.

Sei que para lutar mortalmente contigo, tu mesmo estimulavas a minha coragem.

Fafner

A ti, rapaz de olhos claros,
que sabes pouco a teu próprio respeito,
eu te direi a quem tu mataste.

De elevada raça de gigantes, os irmãos Fasolt e Fafner ambos estão agora assassinados.

Pelo desgraçado ouro ganhado dos deuses eu acertava Fasolt mortalmente.
Este que como dragão defendia e vigiava o tesouro,

Fafner, o último dos gigantes,

caiu agora pelas mãos de um rosado herói.
Olha só, então, claro e fluorescente rapaz; a quem a cegueira o estimulou à pérfida
ação; após o teu triunfo, ele está planejando a tua precoce morte. Marca bem como
será teu fim! Presta atenção em minhas palavras!

Siegfried

Diga-me ainda de onde eu vim;
pois ao entrares nas portas da morte, dragão, pareces sensato.
Tu saberás agora o meu nome: eu me chamo Siegfried.

Fafner

Siegfried...!
(Ele morre)

Siegfried

Para o conhecimento, nenhum morto serve.
Então conduze-me agora minha viva espada!
Esse sangue me queima como se fosse fogo!
(Ele involuntariamente coloca seus dedos na boca para chupar deles o sangue. Ele
olha, pensativo, em determinada direção, e sua atenção passa a ser progressivamente
atraída para a canção do passarinho da floresta)
É como se falassem comigo os passarinhos!
Terá sido útil para mim o prazer de provar o sangue?
O raro passarinho ali, ouço o que ele canta; é para mim?
Voz do Pássaro

Salve! Siegfried, pertence a ti então o tesouro do Nibelungo!

Ó, acharás agora dentro da gruta o tesouro!
Se achares o Tarnhelm, servir-te-á para feitos maravilhosos, eu te ajudarei com um
delicioso conselho: se descobrires o anel,
o poder e magia dele te fará o senhor do mundo!

Siegfried

Agradeço, querido passarinho, pelo teu conselho!
Com gosto eu sigo o teu convite!

TERCEIRA CENA (Alberich, Mime, Siegfried, Waldvogel)

Alberich

Para onde rastejas tu apressado e esperto, companheiro ruim?

Mime

Maldito irmão, de ti eu não preciso aqui!
O que te traz aqui?

Alberich

Vilão, estás ávido pelo meu ouro?
Estás querendo abocanhar a minha propriedade?

Mime

Vai embora daqui! Este lugar é meu: o que remexas por aqui?

Alberich

Estorvo eu a ti tanto em negócio silencioso, quando tu aqui te moves furtivamente para roubar?

Mime

O que consegui com ardoroso esforço agora não me deve escapar.

Alberich

Por acaso fostes tu quem roubou o ouro do Reno para fazer um anel? Por acaso foste tu o autor do encanto que impregnou o anel?

Mime

Quem produziu o Tarnhelm, que muda a forma do homem?
Preciso lembrar-te, foste tu que o criaste?

Alberich

O que sempre conhecestes, estropiado, sobre a arte negra?
O anel mágico pôs o anão e sua habilidade ao meu serviço.

Mime

Onde tens tu agora o anel?
Os gigantes o abocanharam de tuas temerosas mãos!
O que tu perdeste minha astúcia vai ganhá-lo para mim!

Alberich

Quer o miserável agora usurpar o que o rapaz com sua valentia ganhar?
Isto não pertencerá a ti: o iluminado, ele próprio, é seu senhor!

Mime

Eu o criei e eduquei; ele pode pagar-me agora pela criação: com incômodo trabalho e pesado fardo, eu esperei longamente por este momento!

Alberich

Pela criação do rapaz,
quer o mesquinho e pelintra servo,
fria e descaradamente, exigir ser feito rei?
O anel cairia mais adequadamente a um sarnento cão do que a ti:
Nunca deverás ganhar o poderoso anel, seu grosseiro!

Mime

Fica então com ele, e guarda-o bem, o brilhante anel!
Que sejas o mestre, mas chama-me sempre de irmão!
Pelo meu Tarnhelm, alegre futilidade, eu o troco contigo:
estaremos ambos satisfeitos se desta maneira compartilharmos o espólio.

Alberich

Dividir contigo?
E também o Tarnhelm?
Quão astuto és!
Eu nunca dormiria seguro com essa tua armadilha!

Mime

É mesmo, nada trocas?
Também nada divides?
Devo ficar sem nada?
Até mesmo sem a recompensa?
Queres deixar-me sem nada?

Alberich

Nada, nem um pouquinho!
Nem uma unha deves pegar para ti!

Mime

Então nem anel nem tarnhelm deverás mais possuir!
Não quero mais dividir nada contigo!

Contra ti ora chamarei Siegfried como conselheiro e sua justiceira espada: o rápido herói,

ajustará as contas, irmãozinho, contigo!

Alberich

Vira-te!
Da gruta ele vem vindo!

Mime

Ele está seguro de ter encontrado brinquedos infantis.

Alberich

Ele está segurando o Tarnhelm!

Mime

E também o anel!

Alberich

Maldito! O anel!

Mime

Convence-o, agora, a dar-te o anel!
Eu quero ganhá-lo para mim.

Alberich

E ele deve finalmente pertencer somente ao seu senhor!

Siegfried

Para que servis, eu não sei;
mas eu vos peguei
na pilha do amontoado ouro,
porque eu fui guiado por um bom aconselhamento.
Assim, deixai toda vossa beleza servir como testemunha deste dia:
os ornamentos de bijuteria serão uma lembrança
de que eu venci Fafner em batalha,
ora, mas, lamentavelmente, ainda não aprendi a ter medo.
O Passarinho

Ei, Siegfried!

Agora pertencem a ti o Elmo e o Anel!
Ó, ele não deve confiar no traiçoeiro e perigoso Mime!
Ouve Siegfried somente ouve atentamente em alerta as palavras mentirosas e falsas
do vilão!
Ele pode agora entender o que Mime está pensando em seu coração: para tanto lhe
serve o gosto do sangue do dragão.

Mime

Ele está refletindo e calculando o valor de seu prêmio.
Talvez um prudente andarilho demorou-se aqui, vagando em volta e seduzindo o rapaz,
com arte em conversa e narrativa?
Duplo intrigante agora o anão deve ser: o mais sutilmente engendrarei uma armadilha
para enganar o teimoso rapaz com amigáveis e fraudulentas palavras.

Bem-vindo, Siegfried!

Dize-me, valentíssimo rapaz, aprendeste a ter medo?

Siegfried

O professor eu ainda não o encontrei!

Mime

Mas o verme-dragão - tu não o abateste?
Não era ele um medonho camarada?

Siegfried

Tão irado e traidor ele era,
sua morte quase me aflige,
não tanto quanto daquele muito mais mau vilão
que ainda vive impunemente!

Mime

Só de mansinho! Tu não me verás por muito mais tempo:
em eterno sono brevemente eu fecharei teus olhos!
O que eu desejei de ti tu já me deste,
agora eu ganharei ainda de ti tão-somente o despojo.
Eu penso que posso me sair bem nisso:
tu és muito desprotegido para ser enganado.

Siegfried

Estás aí planejando me fazer mal?

Mime

Por que? Eu disse isto?
Siegfried! Ouve-me, meu filhinho!
A ti e à tua bondade
eu sempre odiei em meu coração;
com amor eu nunca te eduquei, mas com enfado:
para o tesouro de Fafner pegar,
o ouro foi pelo que eu trabalhei arduamente.
Se tu não me presenteares com prazer,
Siegfried, meu filho, tu poderás ver por ti mesmo, tu deves pagar-me com a tua vida!

Siegfried

Eu me regozijo de ouvir que tu me detestas: mas devo eu pagar-te também com minha vida?

Mime

Eu disse então isto?
Tu me entendeste mal!
Vê, tu estás certamente cansado do pesado esforço; teu corpo deve estar queimando;
eu não hesitei em providenciar uma restauradora bebida para te refrescar.
Enquanto forjavas a tua espada, eu estava fazendo este caldo; toma-o agora,
e eu vencerei a tua confiada espada e com ela o elmo e o tesouro.

Siegfried

Assim, tu queres roubar-me a minha espada e o que ganhei, anel e despojo?

Mime

Por que me interpretas mal?
Eu gaguejo ou tropecei em minhas palavras?
Eu me esforço com a maior dificuldade
para, hipocritamente, esconder minhas secretas intenções,
e tu, tolo maroto, tudo interpretas mal!
Abre os ouvidos e ouve corretamente: ouve, o que Mime pensa!
Aqui toma e bebe o refresco!
Minha bebida frequentemente te refrescou: quando tu estavas de rabugento humor e parecias malcriado, o que eu te oferecia, embora ficasses enfurecido, tu sempre tomavas.

Siegfried

Uma boa bebida eu tomaria com prazer:
O que utilizaste nessa bebida?

Mime

Ei! Toma-a, confia em minha habilidade!
No escuro e na névoa cairão logo os teus sentidos:
desacordado e sem consciência,
estendido no chão, teus membros ficarão esticados.
Como ficarás deitado lá,
eu poderei facilmente tomar e esconder os despojos: mas, se por acaso acordares, em parte alguma eu estarei seguro de ti mesmo que eu tenha o anel.
Por conseguinte, com a espada,
que fizeste tão afiada,
justo cortarei sem titubear a tua cabeça:
e então eu ficarei em paz e também com o anel!

Siegfried

Queres me matar enquanto eu estiver dormindo?

Mime

Eu quero o quê? Eu disse então isso?
Eu somente pretendo cortar a cabeça do rapaz!
Então eu te odiei também, não tão muito, e eu teria muito de me vingar das injúrias e dos vergonhosos incômodos que me causaste: como eu vim, outrora, de outra forma, observar atentamente o despojo, sem pestanejar, ali também te observa Alberich?
Agora, meu Wälsung, tu, filho do Lobo!
Embriaga-te e sufoca-te para morrer!
Nunca mais tomarás outro gole! Ri, ri, ri, ri!
(Siegfried levanta o braço com a espada em punho e como se em um acesso de violenta cólera ele a aponta e a desfere, num rápido golpe, contra Mime, o qual, por sua vez, cai por terra morto)

Siegfried

Esperimenta também, tu, minha espada, repugnante tagarela!

A voz de Alberich

Rárá, rárá, rárá!

Siegfried

Tributo da inveja paga a Nothung: para isto eu me permiti forjá-la.

Na caverna ali está guardado o tesouro!

Com a mais resistente astúcia, tu o obtiveste: agora tu podes ser senhora do teu brilho!

Um grande protetor, além disso, eu te darei, para te proteger de ladrões.

Lá estás deitado, também tu, sombrio dragão!

Ao mesmo tempo, o reluzente tesouro vigia

com o inimigo do invejado despojo:

podem vocês ambos encontrar agora o descanso eterno!

Do pesado fardo eu estou livre!

Bramindo fogo, meu sangue corre nas veias; a mão me queima sobre a cabeça.

O sol já está a pino:

seu olho de luz azul mira sobre mim,

do cume escarpado até embaixo.

Refrigério debaixo da tília eu encontrarei!

Ainda uma vez, querido passarozinho,

a quem nós, importunos, por tanto tempo estorvamos,

eu escutarei, com prazer, tua canção:

ao vento, no ramo, eu te vejo agradavelmente embalar-se;

gorjeando animado com teus irmãos e irmãs,

que te rodeiam com alegria e amor!

Ora, mas eu estou sozinho, não tenho irmãos nem irmãs:

minha mãe está morta, meu pai sucumbiu num combate, o seu filho nunca os viu!

Minha solitária companhia foi sempre um antipático anão, obrigação de bondade

para o amor entre nós nunca existiu, o esperto queria me pegar com armadilha astuciosa,

finalmente fui forçado, contra a vontade, a matá-lo!

Passarinho amigo, agora eu te pergunto: gostarias de ter-me em tua boa companhia?

Aceitarias conceder-me o adequado conselho?

Eu o procurei tão intensamente, mas nunca obtive êxito: tu, meu querido, seguramente o conseguirás melhor, tão adequadamente sim tu já me aconselhaste.

Agora canta! Sou todo ouvidos para tua canção!

Voz do Pássaro

Ei! Siegfried, enfim liquidaste o mau anão!

Agora eu conheço uma maravilhosa esposa para ti: na alta escarpa rochosa, ela está dormindo, o fogo queima em volta de seu salão: deverás atravessar, sem medo e incólume, as chamas e acordarás a noiva,

Brünnhilde será então tua mulher!

Siegfried

Ó encantadora canção! Da mais doce aspiração!
Como essa mensagem queima em meu peito como fogo!
Como intensamente inflama e palpita o meu coração!
Como um tiro, tão rapidamente atravessou meu coração e os sentidos! Dize-me mais, doce amigo!

Voz de um pássaro

Alegremente no pesar, eu canto de amor: desligado da dor, na felicidade, eu teço minha canção: somente os amantes conhecem seu sentido!

Siegfried

Dirige-me para longe daqui, regozijando, para fora da floresta, para a escarpada rochosa.
Mais uma vez dize-me, amado cantor: posso eu passar incólume através do fogo?
Posso eu acordar a noiva?

Voz de um pássaro

A noiva nunca poderá ser facilmente ganha; nenhum covarde será capaz de acordar Brünnhilde; somente aquele que nunca conheceu o medo!

Siegfried

O tolo rapaz,
que nunca conheceu o medo, meu pequeno passarinho, ele sou eu!
Ainda hoje, em vão, eu me dei ao trabalho, de aprender a ter medo com Fafner: agora, ansioso, eu ardo de emoção para aprendê-lo com Brünnhilde!
Como eu posso encontrar o caminho para a montanha? O caminho será então mostrado a mim: para onde tu voares, eu te seguirei!

TERCEIRO ATO

Prelúdio

Primeira Cena

(Wanderer(o andarilho), Erda)

O Andarilho

Acorda, Wala! Wala, acorda!
Do teu longo sono eu te acordo, dorminhoca.
Eu te chamo: para cima! Para cima!
Da nebulosa gruta,
de profundidade e escuridão, sai para cima!

Erda! Erda! Eterna fêmea!

De tua profunda casa mostra-te para as alturas!
Eu entoo para ti teu canto de despertar, para que acordes; do meditativo sono eu te acordo.
Onisciente! Sábia antes do mundo!

Erda! Erda! Eterna fêmea!

Acorda, deixa o sono, tu, Wala! Acorda!

Erda

Fortes são as convocações de tua canção.
Poderosa a atração dessa magia.
Eu acordei do sono da sabedoria: quem foi que dissipou meu sono?

O Andarilho

Eu sou o despertar, e usei magia, que de muito longe acorda, o que firme se fechou no sono.
Eu atravessei o mundo,
andei muito a pé, com vistas a angariar conhecimento, para ganhar a velha sabedoria do mundo.
Cheio de sabedoria não existe ninguém como tu; é de ti conhecido, o que a intensidade e a profundidade escondem, o que a montanha e o vale, o vento e a água unem.
Onde quer que exista vida, sopra teu hálito;
onde cisma a inteligência, está sempre envolvida tua mente:
todas as coisas, pode-se dizer, são conhecidas por ti.
Que eu, agora, para ganhar sabedoria, te tirei, sim, do sono!

Erda

Meu sono é sonhar.
Meus sonhos significados,
minha meditação vitrine de sabedoria.
Ora, quando eu durmo,
as Nornas estão acordadas e vigilantes:
elas tecem a corda
e zelosas registram o que eu conheço.
Por que não procuras saber das Nornas?

O Andarilho

Subservientes ao mundo, as Nornas tecem:
Elas não podem nada alterar ou desviar.
Porém de tua sabedoria
eu não poderia ser agradecido de aprender muita coisa, como estancar uma rolante
roda?

Erda

Minha mente enriquece-se com os feitos dos homens:
até eu, com toda a minha sabedoria,
uma vez fui dominada por um conquistador.
Para Wotan eu dei à luz a uma criança sonhada:
ele deu a ela a incumbência de trazer para si os heróis mortos em batalha. Ela é cora-
josa e também sábia:

por que tu me acordaste, e não procuraste esclarecimento junto à filha de Erda e de Wotan?

Wotan
Queres dizer a Valquíria,

Brünnhilde, a donzela?

Ela desrespeitou o pai das tempestades: onde ele nela confiava mais fortemente.
O que o controlador dos combates suspirava por fazer, mas reciclava ele mesmo em
contraste com o seu desejo, tudo demais confidenciado à desafiadora moça- Brünnhil-
de no ardor da batalha - ousou fazer algo para alcançar o seu próprio desejo.
O pai dos conflitos puniu a donzela:
ele fechou os seus olhos para ficar no sono:
sobre o rochedo ela está permanentemente dormindo.
A consagrada só será acordada
quando um homem a cortejá-la para sua esposa.
Adiantaria perguntar a ela?

Erda

Ofuscada estou desde que acordei: bravio e estranho me parece o mundo!

A Valquíria, a criança de Wala,
foi castigada com os laços do sono,
enquanto a mãe que tudo sabe dormia?
Aquele que ensina desafio deve punir a obstinação?
Aquele que inflama a ação deve ficar zangado com a ação?
Aquele que defende o direito, o sustentáculo da vErdade, calca o direito e reina por
meio da invErdade?
Que a sonhadora desça outra vez!
Que o sono sele outra vez a minha sabedoria!

O Andarilho

A ti, mãe, eu não deixo voltar, aqui eu sou o poder da magia.
Onisciente, tu, uma vez,
empurrasteo espinho da inquietude
insolentemente para dentro do coração de Wotan:
com medo de um vergonhoso fim hostil
teu conhecimento o satisfez,
assim que o receio feneceu sua coragem.
Desde que és a mulher mais sábia e conhecedora do mundo, dize-me agora:
como pode o deus vencer suas preocupações?

Erda

Tu não és o que dizes! A quem vens tu obstinado selvagem para perturbar o sono de
Walla?

O Andarilho

Tu não és o que presumes ser!
A sabedoria da mãe-da-terra está prestes a se findar: tua sabedoria deve ter fim antes
que a minha.
Por acaso conheces o desejo de Wotan?
Para ti, despojada de sabedoria, eu endereço estas palavras, tanto que então poderás
dormir sossegadamente para sempre.
Medo da ruína dos deuses é assunto que não me aflige, desde agora eu quero me
comportar assim.
O que certa vez eu decidi em desesperança, na dolorosa angústia e desespero eu ab-
sorvi, agora livremente desempenho o meu papel, com muito prazer e alegremente.
Durante a fúria e relutância, eu lancei o mundo à inveja do Nibelungo; agora, ao va-
lente Wälsung eu deixo minha herança.
Aquele que eu escolhi, apesar de nunca ter-me conhecido, um muito ousado rapaz, a
quem eu nunca aconselhei, ganhou o anel do Nibelungo.
Regozijando-se no amor, inocente quanto à inveja, sua nobreza sufocará a maldição
de Alberich; então estranho continuará para ele o medo.
Aquela a quem deste à luz para mim, Brünnhilde, será acordada pelo herói:
acordando, a criança da sabedoria
fará a escritura que irá redimir o mundo.
Pois agora dorme, fecha os teus olhos: no sonho contempla a minha ruína!
O que também aqueles fizeram
ao eternamente jovem, cedem também à glória de deus.
Para baixo, então, Erda! Mãe do medo, da eterna tristeza!
Fora! Fora para o eterno sono!

Cena 2 Wanderer, Siegfried

O Andarilho

Lá eu vejo Siegfried aproximando-se.

Siegfried

Meu passarinho, que voava sobre minha cabeça, desapareceu! Com esvoaçante voo, doce e bonita canção, mostrava-me o delicioso caminho: agora ele sumiu para bem longe!

Bem melhor então eu encontrar por mim mesmo a montanha. Para onde meu condutor me guiava, é para lá que eu agora me dirijo.

O Andarilho

Para onde, jovem, te leva o teu caminho?

Siegfried

Alguém falou alguma coisa: talvez deseje mostrar-me o caminho. Eu estou procurando um rochedo na montanha, rodeado de fogo: lá dorme uma mulher a quem desejo acordar.

O Andarilho

Quem disse isto para ti, para procurares o rochedo?
Quem te fez ansiar pela mulher?

Siegfried

Um pássaro, cantador da floresta, me deu essa boa notícia.

O Andarilho

Um passarinho palreia bonito canto;
mas nenhuma pessoa pôde contudo entendê-lo.
Como conseguiste entender o significado da canção?

Siegfried

Isso operou-se através do sangue de um selvagem dragão, que eu matei em Neidhöhle.

Quando molhou minha língua, queimou-a, então eu passei a entender a fala do pássaro.

O Andarilho

Se tu abateste esse gigante,
quem te induziu a enfrentar o temível dragão?

Siegfried

Conduziu-me Mime, um falso anão; ele queria ensinar-me a ter medo. Mas o dragão ele mesmo incitou-me ao golpe de espada que o matou; ele abriu sua horrenda mandíbula contra mim.

O Andarilho

Quem fez a espada tão afiada e sólida, que lançou por terra um tão forte inimigo?

Siegfried

Eu mesmo a forjei,
já que o ferreiro não o pôde:
outrora eu vivia sem espada.

Wanderer

Mas quem fez as sólidas lascas
com as quais tu forjaste, tu mesmo, a espada?

Siegfried

O que sei sobre isso?
Eu somente sabia
que só os fragmentos não me serviriam, então eu forjei a espada para mim de novo.

Wanderer

Eu penso assim também!

Siegfried

Por que estás zombando de mim?
Velho fofoqueiro! Escuta uma vez:
não me detém longo tempo aqui com essa prosa!
Podes mostrar-me o caminho, então fala:
se não podes, cala tua boca!

O Andarilho

Paciência, meu jovem! Se eu pareço velho para ti, então tu deverias me ter mais respeito.

Siegfried

Isto não seria mal!
Toda a minha vida um homem velho sempre esteve em meu caminho: agora eu o varri para sempre.
Se persistires em tua obstinação em obstruir-me,
tem cuidado, eu digo,

que tu, como Mime, não viajarás!

Mas com quem te pareces?
Por que queres usar tão grande chapéu?
Por que ele está colocado tão por cima de teu rosto?

O Andarilho

Isto é assim o modo de ser do Andarilho, quando ele caminha contra o vento.

Siegfried

Mas sob eie um olho te falta; sem dúvida alguém o acertou, exatamente, quem tu, cabeça dura, barraste o caminho?

Agora vai-te,
ou corres o risco de perder o outro olho também.

O Andarilho

Eu vejo, meu filho, que tu por aqui nada conheces, mas tu sabes como encontrar o teu caminho.

Com o olho que está faltando neste teu colega, tu mesmo estás olhando por aquele que me falta na visão.

Siegfried

Rárarárá!

Tu me dás motivo para rir!

Então escuta, porque não mantereis esta conversa por muito tempo: rápido, mostra-me o caminho, depois, trata de desaparecer daqui; para mais nada me servirás: explicitamente fala, senão eu te ponho logo para correr!

O Andarilho

Mas se tu me conhecesses, insolente jovem, os insultos a mim pouparias!

De ti receberia confiança,
não o doloroso embate de tuas ameaças.

Eu sempre amei tua radiante raça,
todavia minha raivosa fúria também deu-te motivo para o medo.

Tu a quem eu tanto amo, glorioso herói, não despertes hoje minha cólera: ela seria ruínosa para ambos, tu e eu!

Siegfried

Permaneces calado quanto ao que perguntei, sujeito teimoso? Toma então o teu caminho, para o meu caminho, eu saberei me conduzir até à adormecida mulher. Meu pássaro disse-me o suficiente, o qual voou com pressa exatamente agora

O Andarilho

Ele voou da tua presença para se salvar!

Ele presentiu a presença aqui do senhor dos corvos: seria doloroso para ele se o pegassem!

O caminho, ele mostrou-te até aqui, mas tu não deverás reencontrá-lo.

Siegfried

Rôrô! Tu mo proíbes!

Quem és tu, então,
para queres me obstruir o caminho?

O Andarilho

Teme o guardião do rochedo!

Fechada à chave segura por minha força está a mulher adormecida: quem a acordar,
quem a ganhar, ele o tornará sem força para sempre!

Um mar de fogo rodeia a mulher,

ardentes chamas lambem o rochedo: quem anseia por ela como noiva deve enfrentar
a fúria ardente.

Olha para as alturas!

Vês a luz?

O brilho ardente está crescendo,

o esplendor espalhando-se;

fumaças queimadas, trêmulas chamas

rolam ardentes, abrasadoras e crepitantes;

um mar de luz ilumina tua cabeça:

logo te engolirá e consumirá o vibrante fogo.

Vai embora, então, precipitado rapaz!

Siegfried

Quem deve ir embora és tu, contador de vantagens!

Eu devo ir até lá, ao coração incendiado do fogo, a Brünnhilde!

O Andarilho

Se tu não temes o fogo,

então minha lança obstruirá o teu caminho!

Minha mão ainda segura o símbolo da soberania!

A espada que tu agitas,

outrora foi despedaçada com esta haste:

mais uma vez, então, será despedaçada pela eterna lança!

Siegfried

O inimigo de meu pai! Eu te achei logo aqui?

Magnífico para a vingança, eu agarro esta oportunidade.

Brande a tua lança:

minha espada a fará em pedaços!

O Andarilho

Avança, então! Eu não posso te impedir!

Siegfried

Com sua lança em pedaços, escapou-me o covarde?

Ah! Deliciosa brasa! Radiante brilho!

A estrada agora está encontrada brilhante para mim.

Eu banharei no fogo, no fogo acharei minha noiva.

Rôô! Rari!

Agora eu posso ganhar uma querida companheira!

Interlúdio Orquestral

Terceira Cena

(**Siegfried, Brünnhilde**)

Siegfried

Bem-aventurado lugar ermo, no ensolarado cume!
O que é que descansa lá, dormindo, no sombrio bosque? É um cavalo, descansando em profundo sono!
O que é que em minha face reluz ali?
O reluzente adereço de aço.
Ainda me cegam as vistas as chamas?
Iluminada arma! Devo apanhá-la?
Ah, um homem armado!
Como encantado eu estou com toda essa visão!
O elmo aperta muito a nobre cabeça?
Mais cômodo seria para ele se eu soltasse o adorno.
Ah, que belo!
Nuvens cintilando agrupam-se em ondulações no mar brilhante do céu; a face risosa do radiante sol brilha através das flutuantes nuvens!
Da ofegante respiração, o peito palpita!
Devo cortar sua apertada couraça?
Vem, minha espada, corta a lâmina!
Isto não é nenhum homem!
Ardente magia faz-me palpitar o coração; ardente medo prende meus olhos: em mim os sentidos vacilam em vertigens!
A quem eu grito para me recompor, quem me ajuda nesse transe?
Mãe! Mãe! Pensa em mim!
Como posso acordar a moça, para que ela abra seus olhos para mim? Ainda também me cega a visão?
Atreve-se minha audácia?
Suportarei seu resplandecente brilho?
Eu estou como se suspenso, oscilando, e está zunindo em volta!
Muitas saudades enfraquecem meus sentidos; no meu cansado coração minha mão treme!
Por que me comporto como um covarde?
Será isto o temor?
Oh, mãe, mãe, esta é a tua valente criança?
No sono ali está uma mulher: ela ensinou-me o temor!
Como eu ponho fim ao temor?
Como retomo a coragem?
Preciso acordar a moça assim que eu me conserve acordado! Docemente estremece sua rosada boca.

Como seu suave estremecimento acalma meu medo!
Ah, a encantadora e quente fragrância de sua respiração!
Acorda! Acorda! Sagrada mulher!
Ela não me escuta.
Assim, eu sugarei vida daqueles doces lábios, mesmo que com isso venha a morrer!
Brünnhilde Salve a ti, sol!
Salve a ti, luz!
Salve a ti, luminoso dia!
Longo foi o meu sono; eu estou acordada.
Quem é o herói que me acordou?

Siegfried

Através do fogo que a rocha envolvia, entrei; eu te trouxe bem forte energia: eu sou Siegfried, e eu te acordei!

Brünnhilde

Salve para vós, ó deuses!
Salve para ti, ó mundo!
Salve para ti, ó resplandecente terra!
Terminou, enfim, o meu sono; acordada eu vejo: Siegfried é aquele que me acordou!

Siegfried

Oh, salve a mãe que me deu à luz!
Salve à terra, que me nutriu!
Que eu possa ver esses bem-aventurados olhos que sorriem de felicidade!

Brünnhilde

Ó, salve à mãe que te deu à luz!
Salve à terra, que te nutriu!
Agora somente teus olhos podem ver-me, tu sozinho pudeste acordar-me!
Ó Siegfried, Siegfried! Abençoado herói!
Acorda para a vida, conquistando a luz!
Se tu apenas soubesses, alegria do mundo, como eu sempre te amei!
Tu foste minha preocupação!
Tu foste meus cuidados!
Eu alimentei tua sensível existência antes que tivesses existido;
até antes de teres nascido meu escudo te protegeu:
durante muito tempo eu tenho te amado Siegfried!

Siegfried

Então minha mãe não morreu?
Quem eu amei somente estava dormindo?

Brünnhilde

Tu, queridíssima criança!
Tua mãe não voltará mais para ti.
Eu sou tua muito dedicada se quiseres me fazer feliz em teu amor.

O que tu não conheces, eu conheço por ti; ainda tenho essa sabedoria tão-somente porque eu te amo!

Ó Siegfried, Siegfried! Conquistando a luz!

Eu tenho sempre te amado;
pois sozinha eu era o pensamento de Wotan.
O pensamento, que jamais me seria permitido mencionar;
nele eu nunca pensava, mas apenas sentia;
para ele eu lutava, combatia e litigava;
para ele eu desafiava a quem ele nele pensou;
para ele eu castigava, castigo com corda,
porque eu não pensava nele, apenas sentia!
Então o pensamento - era-me permitido desligar - para mim era ele somente amor por ti!

Siegfried

Como é maravilhoso o som de tua prodigiosa canção; apesar de parecer-me obscura aos meus sentidos.
Vejo luz em teus olhos brilhantes; o som de tua voz é doce para ouvir; assim como o que tua canção diz para mim.
Eu não posso entender, e deixa-me espantado.
Minha mente falha para compreender bem distantes coisas, quando todo meu ser vê e rende-se somente a ti!
Tu me cativaste com ansioso medo: tu sozinha ensinaste-me o teu medo.
Tu comprometida em poderosos vínculos a ele, não pudeste pôs a salvo minha coragem.

Brünnhilde

Ali eu vejo Grane,
meu fiel cavalo:
como alegre ele pasta,
ele que foi adormecido junto comigo!
Siegfried o acordou junto comigo.

Siegfried

Meus olhos se deleitam vendo a tua celestial boca, enquanto meus lábios estão queimando de apaixonada sede, querendo procurar bebida no deleite dos teus olhos

Brünnhilde

Eu vejo o escudo lá
que protegia os heróis:
lá eu vejo o elmo
que protegia minha cabeça:
ele abrigava, ele não mais me protege!

Siegfried

Uma bem-aventurada moça atingiu meu coração, uma mulher transtornou minha cabeça: e eu vim até aqui sem escudo e sem elmo!

Brünnhilde

Eu vejo a couraça brilhando no aço!

Uma espada afiada cortava-a em dois; e do corpo da donzela soltava-se sua defesa: eu estou exposta e sem proteção, sem defesa, uma fraca mulher!

Siegfried

Através do fogo e labaredas eu forcei o meu caminho até ti! Nenhum elmo nem couraça me protegiam: somente levava as chamas de fogo em meu peito.

Meu sangue saltitava, mas num fogo da paixão: consumindo fogo despertava mais paixão em mim: as chamas que envolviam o rochedo da Brünnhilde agora incendiavam-me dentro do peito!

Ó mulher, agora extingue essas chamas!

Silencia o espumante ardor!

Brünnhilde

Nenhum deus jamais se aproximou de mim!

Heróis humilhados faziam reverência diante da virgem: sacrosanta, eu vim do Valhalla!

Ó dor, ai de mim!

Ó, a vergonha, a indignidade da minha situação!

Aquele que me acordou me magoou.

Ele cortou de mim minha couraça e elmo:

Eu não serei nunca mais Brünnhilde!

Siegfried

Para mim tu és ainda minha donzela sonhada: eu ainda não quebrei o sono de Brünnhilde.

Acorda, sê minha mulher!

Brünnhilde

Em mim os sentidos já desmaiaram,

minha razão silencia:

deve a sabedoria desaparecer de mim?

Siegfried

Tu não cantavas para mim

que a tua sabedoria seria a luz do amor para mim?

Brünnhilde

Triste escuridão escurece minha vista; meus olhos entumecem, a luz se apaga: a noite caiu sobre mim.

De névoa e cinza
retorce-se furiosa confusão de ansiedade: assusta-me, anda e bamboleia no ar!

Siegfried

A noite abraçou e comprometeu tua visão.
Com equilíbrio, desvaneces o sombrio escuro.
Emerge para cá da escuridão e vê: o dia brilha no iluminado sol!

Brünnhilde

A claridade do sol faz brilhar o dia da minha vergonha! Ó Siegfried! Siegfried!
Olha minha angústia!
Eterna eu fui, eterna eu sou, sempre ansiando doce felicidade, sempre ansiando pelo teu bem-estar.
Ó Siegfried! Gloriosa existência! Riqueza do mundo! Vida da terra! Sorridente herói!
Abandona-me, oh, deixa-me em paz!
Não venhas até mim, inflamado pela proximidade!
Não me domines
com tua força esmagadora,
não destruas a tua amada!
Não viste o teu reflexo na clareza das águas do riacho? Isto não te alegrou, na tua visão?
Quando remexida a água pela onda, desfeita a clara superfície do riacho, teu retrato tu não o viste mais, somente o instável movimento das águas.
Assim, não me toques, não me aborreças!
Sempre resplandecente e feliz sorrirás então fora dos meus olhos dentro dos teus.
Um vistoso e alegre herói!
Ó Siegfried! Radiante rebento!
Eu te amo e deixa-me eu ser eu: não destruas o que é somente teu!

Siegfried

Eu te amo: ó, ama-me também!
Eu não sou mais de mim próprio: sejas também minha!
Uma gloriosa inundação certa vez fluiu diante de mim: com todos os meus sentidos, eu via somente aumentando repentinamente as águas do mar.
Se isto quebra minha reflexão, eu próprio queimo no frio meu ardente coração na inundação!
Acorda, Brünnhilde!
Acorda, solteirona!
Ri e ama, o mais doce deleite!
Sê minha! Sê minha! Sê minha!

Brünnhilde

Oh, Siegfried! Eu sempre fui tua, desde sempre! Siegfried

Se tu foste desde sempre, então sê agora!

Brünnhilde

Eu serei tua para sempre!

Siegfried

O que tu serás, que seja hoje!

Acalma-te em meus braços,

e segura firme, se meu peito

encosta em ti, extremamente contra ti,

se nossos olhos despertam emoção, e respiramos cada um igual ao outro,

olho no olho, boca na boca,

então tu és minha,

o que te aflige em mim era e será.

Então tira de ti as palpitantes preocupações, basta, agora, Brünnhilde seres minha.

Brünnhilde

Se agora eu sou tua?

Divina tranqüilidade inunda meu ser;

a mais pura luz brilha no lume: a sabedoria celestial foge de mim,

enxotada pela alegria do amor!

Se agora eu sou tua?

Siegfried! Siegfried!

Tu não me vês?

Como meus olhos te devoram,

não estás ficando cego?

Como meus braços te apertam,

tu não te incendias de mim?

Como meu sangue encapela-se como um mar em direção a ti, tu não o sentes pegando fogo?

Siegfried, tu não tens medo,

tu não te amedrontas, com esta selvagem e apaixonada mulher?

Siegfried

Ah! Como nossas correntes sanguíneas nos põem em chamas um no outro,

como nossos brilhantes olhos queimam uns aos outros,

como nossos braços apaixonadamente abraçam um ao outro,

meu destemor e coragem retornam a mim,

e o temor - ah! -

eu nunca o aprendi,

o temor que tu mal me ensinaste;

o temor - parece-me,

eu tolo o esqueci agora para sempre!

Brünnhilde

Ó pueril herói! Ó sublime rapaz!
Tu, bobo, armazenas sonhos mortos!
Sorrindo deixa eu te amar,
sorrindo eu quero virar minha cegueira;
alegremente vamos perecer!
Adeus, mundo reluzente do Valhalla!
Deixa tua soberba fortaleza cair no pó!
Adeus, resplandecente pompa dos deuses!
Pode vosso fim ser cheio de felicidade, raça chamada imortal!
Vossas Nornas quebram a corda das runas!
Crepúsculo dos deuses, deixai vossa escuridão descer!
Noite do aniquilamento, deixai vossa névoa cair
A estrela de Siegfried agora brilha sobre mim: ele é meu para sempre, será sempre
meu, minha herança, meu eu, meu ser e meu tudo: radiante amor, hilariante morte!

Siegfried

Sorridente, acordaste em arrebatamentos para mim! Brünnhilde vive, Brünnhilde ri!
Saudações ao dia que resplandeceu para nós! Saudações ao sol que brilhou sobre nós!
Saudações ao mundo no qual Brünnhilde agora vive! Ela está acordada, viva, sorrindo para mim.
A refulgente estrela de Brünnhilde bilha sobre mim! Ela é agora minha para sempre, sempre minha, minha herança, meu eu, meu ser e meu tudo: radiante amor, hilariante morte!

FIM